

O QUE PODE A EDUCAÇÃO? DIÁRIO DE UM GRUPO

Adriana Pretto¹, Afonso W. Roveda², Beatriz Hauenstein³, Fabiane Olegário⁴, Jilvane Schimtt Göhl⁵, Maria da Glória Munhoz Roos⁶, Natalia Devitte⁷, Raquel Arenhardt⁸, Tania Micheline Miorando⁹

Resumo: O relato trata de experiências vividas pelos integrantes do grupo de estudos da Univates, intitulado “*O que pode a educação?*”. O grupo é constituído por alunos egressos do curso de Pedagogia e Letras e acadêmicos dos cursos de licenciaturas e de Psicologia da Univates, estando vinculado ao curso de Pedagogia como atividade de extensão. A intenção do grupo consiste em problematizar a forma homogênea e dominante de pensar a educação, enquanto teoria e prática, a partir da perspectiva da filosofia da diferença, tentando compor espaços de crítica, de resistência e de fissuras dos territórios aprisionadores produzidos pela Modernidade. Além dos estudos teóricos, buscaram-se outras maneiras para pensar a educação, tais como literatura, poesia e música. Na esteira de Foucault, colocamos em jogo a seguinte questão: de que modo nos constituímos como sujeitos? Neste sentido, cabe suspeitar das práticas discursivas que circulam em nosso tempo, arriscando, portanto a pensar nos seus efeitos.

Palavras-chave: Problematização. Filosofia da diferença. Fissuras.

Como nos constituímos em sujeitos do conhecimento (saber), implicados na relação sobre os outros (poder) e sobre nós mesmos (ética)? De que forma as práticas discursivas neoliberais constituem modos de ser, de agir, de pensar e de estar no mundo, ou seja, formas de subjetividades? Que efeitos produzem estas práticas pensadas no sentido de permanência e/ou modificação na formação do educador na contemporaneidade?

As perguntas suscitadas nesta conversa permeiam os estudos do grupo intitulado “O que pode a educação?” da Univates. A problematização da teia discursiva educacional tem como base as provocações produzidas na filosofia da diferença. O grupo de estudos foi criado no ano de dois mil e onze, sendo que a proposta inicial, apresentada pela coordenadora do grupo Fabiane

1 Licenciada em Pedagogia - UNIVATES e professora no Colégio Madre Bárbara, Lajeado.

2 Graduando em Psicologia – UNIVATES.

3 Licenciada em Letras – UNIVATES. Pós-graduada em Alfabetização – UNISINOS. Coordenadora pedagógica da E.E.E.F. Irmã Branca, Lajeado.

4 Mestre em Educação – UNISC. Coordenadora do Grupo de Estudos e professora no Centro Universitário UNIVATES.

5 Licenciada em Pedagogia e Vice-Diretora na E.E.E.F. Irmã Branca, Lajeado.

6 Licenciada em Pedagogia - UNIVATES. Mestranda em Educação na linha de Identidade e Diferença – UNISC. Professora no Colégio Evangélico Alberto Torres, Lajeado.

7 Graduanda em História – UNIVATES.

8 Licenciada em Letras – UNIVATES. Especialista em Psicopedagogia – UNIVATES. Professora no Colégio Evangélico Alberto Torres, Lajeado.

9 Mestre em Educação – UFSM. Professora no Centro Universitário UNIVATES.

Olegário consistia em trabalhar com os ditos e escritos de Foucault, a partir de seus comentadores. Tal proposta foi apresentada para a coordenadora do curso de Pedagogia, professora Angélica Vier Munhoz, e aprovada pelo colegiado do curso como atividade de extensão da Pedagogia.

As palavras aqui expressadas elucidam uma construção escrita a “muitas mãos”, em que cada aventureiro integrante, a sua forma, subjetivou o contato com o Grupo na sua experiência de existência individual e profissional – interface de ideia e pensamento compartilhado. Narrativas que articulam uma trajetória de movimento das reflexões e vozes que se fizeram ouvir no decorrer das atividades do Grupo de Estudos.

“Ao participar de uma palestra em 2011, percebi que precisava fazer mais por mim e pelos diferentes sujeitos que nos circundam todos os dias, pois sou Orientadora e muitas coisas me inquietam e me desafiam, então comentei com minha colega Beatriz sobre essas inquietações; a necessidade de ler mais, conversar, dividir opiniões e produzir... Mas era necessária uma movimentação, foi então que Beatriz me disse: “Já sei, tem algo bem legal e tu vais gostar”. Não deu outra: todas as 3ª feiras estávamos lá, na Univates, para fazer parte do grupo.”

“Quanto a minha paz superficial, ela é uma alusão à verdadeira paz. Outra coisa que esqueci é que há outra alusão em mim – a do mundo grande e aberto.” (LISPECTOR, 1990, p. 70).

“Eis que no grupo nos questionamos, as palavras surgem a partir dos textos lidos e nos movimentam, impulsionam a querer saber mais. Já não podemos compreender o sujeito da mesma forma, a escola já não é mais a mesma. Desafiados, nós nos desacomodamos, as palavras surgem com novos significados, criando um movimento, problematizando algumas verdades sobre o modo de ser professor, aluno, adolescente e criando outras possibilidades de reinvenção de si” (Diário de Jilvane Schmitt Göhl).

Aberto para todas as licenciaturas e ao curso de Psicologia da Univates, o grupo iniciou as atividades com alunos egressos do curso de Pedagogia e de Letras e acadêmicos da Psicologia da Univates. As atividades seguiram de maio a dezembro, todas as semanas, reunidos, lemos e estudamos sobre o que atravessa a educação, a vida e o corpo, pois era disto que tratávamos, até porque aprendemos na filosofia da diferença, aquilo que os pré-socráticos afirmavam no século VI a.C. que o corpo e pensamento são indissociáveis.

Vida Pulsante, desejante. Talvez porque: *“esses momentos funcionam como forças que movimentam o pensamento, que possibilitam perceber o mundo pelos sentidos. Os encontros são ferramentas importantes para pensar a escola como relações menos instituídas e mais apaixonadas. Pensar além de uma escola para a vida, mas uma escola com vida. O grupo nos provoca a pensar sobre o que somos dentro da escola, o que causamos em nossos alunos. Assim, nos encoraja a inventar a educação, (re)inventar novas formas de aprender e ensinar. Se o papel da educação é provocar singularidades, como nós estamos nos singularizando na docência? Existir na docência. Existir numa docência. Enfim, um espaço para desvariar, desaprender, (des) formar uma docência tão formatada. Um exercício político de escuta e criação de si, numa ética baseada na estética da existência, através de verdadeiras relações de amizade!” (Diário de Maria da Glória Munhoz Roos).*

“A vida varia, o que valia menos, passa valer mais, quando desvaria” (LEMINSKI, 1985, p. 78).

Através do estudo em grupo, o que nos irmana consiste na vontade de estudar e compartilhar os textos, as leituras, os quais nos desafiam a pensar para além das palavras que lemos. A intenção do grupo foca-se na problematização das práticas diárias, nos gestos e nos discursos ao lançar um olhar desconfiado sobre esses modos de existir. O esforço de pensar diferente do que pensamos tenciona a possibilidade de minar as verdades produzidas pelas instituições provocando outras maneiras de ver o que está posto, visto que:

“Pensar em grupo cria conexões e essas conexões se dão na experiência, nos encontros, nos exercitamos no outro; é o outro que nos provoca a pensar recusando o modelo. São verdadeiros

cruzamentos que se potencializam, provocando a deixarmos o lugar comum. O grupo me ajuda a experimentar, vai despertando idéias, sugerindo caminhos, convocando a mundos possíveis, cheios de possibilidades. Me afeta positivamente essas conjugações, as “muitas formas de pensar”, em se dispor a experimentar e sentir-se incomodada” (Diário de Adriana Pretto).

Olhar que nos desloca da zona de conforto e das formas naturais e traz à tona a questão: “O que pode a educação? Bem, eu diria que o que pode a Educação ou qual a importância e impacto da educação só começaram a ser sentidos depois de um tempo que fazia parte do grupo de estudos. Meu viés de entrada foi Foucault, dele sabia algumas coisas, como os jogos de poder, sociedade de controle, poucas de suas construções sobre a história da clínica e da loucura. Mas não o lia pensando na Educação/educação, pensava nos processos de subjetivação e ainda não pensava nestes como também processos educativos. No nosso caminho pouco se cruzou definitivamente com Foucault e, talvez, isso nos tenha dado liberdade para não abordarmos estritamente a educação, ou a escola, como pode se pensar a direção que um grupo de estudos que tem nosso nome, adotaria. Passamos então por pequenos lugares onde a educação se faz presente. Nos colocamos a pensar o porquê de usarmos o pensamento e as formas de perceber o mundo como fazemos e começamos a ver, que isso tem contato íntimo com a educação. De certa forma aprendemos a sermos humanos, a sermos acadêmicos, a sermos gaúchos, gremistas, colorados, e aí vai. E nos questionamos que talvez não haja somente uma maneira de aprender. Que as práticas educativas têm diferentes proposições, algumas acreditam em melhores jeitos de aprender e ensinar, outras pensam que há jeitos diversos de isso ser feito e assim também que há ou não há maneiras ideais de sermos quem somos ou quem deveríamos ser. Podemos nos questionar nas nossas últimas empreitadas como as diferentes propostas educativas (que acontecem em todas as profissões, ou melhor, em qualquer momento em que estabelecemos contato com outros, ou solitariamente, conosco) interferem na possibilidade de criarmos e melhorarmos nossas vidas. Podemos talvez a essa altura de nossas aventuras nos questionarmos: educamos para que propósito?” (Diário de Afonso Wenneker Roveda).

Diante de tais desafios e acontecimentos, acordamos que era necessário continuar a trajetória que nos fornece a renda para tecer algumas linhas em torno do que nomeamos como desejo de encontro de ideias, mesmo que, “em tempo cronológico, pouco é o tempo que integro as discussões sobre o espectro da Educação e seus desdobramentos na atualidade no referido Grupo de Estudos, em contrapartida, é imenso o tempo que debruço reflexões individuais e compartilhadas acerca da teia complexa que envolve o assunto. Falamos aqui de um campo fértil que não cessa sua possibilidade de reflexão – Educação, palavra que comporta em seu âmago uma complexidade de significações e contradições. Os momentos dedicados a (des)(re) construção das representações sobre o nosso guia de pensamento, por intermédio das discussões, divagações e reflexões, estiveram permeados de esperança e frustração, de possibilidades e limites. Tal dinamismo remeteu-me inevitavelmente ao entrecruzamento da noção de sujeito e história, concepções que convergem num mesmo sentido quando mencionamos a Educação. Entretanto, esculpir os sujeitos que compõem a obra em questão é tarefa árdua, sobretudo, quando buscamos compreendê-los como indivíduos inseridos em um contexto social, político, econômico e cultural de um tempo em particular. O cenário, hoje, é amplo. Diversas possibilidades de vida se apresentam. Vemos um sujeito sendo atravessado por diferentes fluxos sociais, um nômade contemporâneo. Os discursos revelam a descrença no político e na política, o trabalho nada mais é do que um jogo comunicativo entre indivíduos e as pessoas estão voltadas para o lazer; a religião perde grande espaço. O consumo desenfreado, a expansão dos meios tecnológicos e informacionais e o individualismo inserem-se no rol do panorama alavancado. Tempo de rupturas e de permanências. Múltiplas identidades, traços e marcas tem nos dado uma (incompleta) percepção do sujeito. Vemos novas modalidades de construção de si. Tais olhares suscitam mais incertezas, a insegurança parece marcar passo com frequência e a educação na sua amplitude parece por vezes retirar-se de cena ou assumir-se com roupagem diferente, num tempo que transcorre veloz” (Diário de Natalia Devitte).

Olhar para aquilo que nos incita pensar. Problematizar os espaços formais, produzindo outros rearranjos, arriscar a pensar sobre o efeito. Que estratégias podem ser inventadas? Não se trata de pensar no por que tampouco de um para quê, nem de um o quê? Mas de que modo funciona?

“Quando nos damos conta de que algo não consegue mais “dar conta do que antes era posto, temos duas opções de postura: uma é aceitar e acomodar-se, esperando que “alguém em algum lugar” “descubra” novas formas, novas metodologias que “darão conta” das mudanças ou, como outra opção, desacomodar-se e ir em busca de outras formas de ver a mesma coisa. Este momento coincidiu com a formação continuada que move qualquer educador. As discussões sobre o que pode a educação e o que pode um educador se este conseguir ver além das trajetórias até então traçadas para a manutenção da ordem social. Incomodada pelas leituras e discussões, estou revendo muitos pontos de vista, muitas ideias e muitas palavras que tinham se solidificado. Estas estão se dissolvendo. Este exercício me faz bem enquanto educadora, mas também enquanto portadora de mim mesma me constituindo a partir de novas experiências tecidas nos encontros” (Diário de Beatriz Hauenstein).

Para tal empreendimento de estudo, escolhemos como intercessores os filósofos da Diferença, tais como Foucault e Deleuze e autores da Literatura, em decorrência da compreensão de sua utilização como ferramenta que nos possibilita “romper com (ou pelo menos colocá-las em suspenso) representações que muitas vezes habitam nossos próprios modos de existir.” (FISCHER, 2002, p.56)

“Os atravessamentos que surgem em grupo, as ideias, as dúvidas, os conflitos pessoais. Para mim o que provoca é o que faz pensar, repensar, aprender a pensar menos e sentir mais, ir pela emoção, do que pela razão. Também são palavras e expressões que encantam: territórios, ilhas desertas, linhas de fuga, imaginário, criação, pedagogia pobre, mapas” (Diário de Raquel Lopes Arenhart).

REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Brasiliense, 1985

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.